

**Josier Ferreira da Silva**

No Cariri cearense, a vida se mistura à fé, externada em rituais herdados entre as gerações, que se manifestam de forma espontânea nas festas religiosas. Em Barbalha – CE, a alegria, a devoção e os desafios se entrelaçam e se propagam como resultado de uma consciência coletiva, condicionada pela religiosidade, onde aflora a crença em Santo Antônio, que reúne homem, natureza e cultura. O contexto sócio-religioso católico demonstra que a cidade não se restringe ao conjunto de ruas e pessoas em movimento condicionado pelas ações do cotidiano. A ela, agrega-se forte representatividade da cultura popular como herança cultural dos colonizadores, mesclada de religiosidade expressa nos rituais que orientam a concepção de mundo e de vida sertaneja. Assim, emerge a devoção do povo do lugar ao santo padroeiro, tomado como referência em suas vidas. A relação do homem com o divino é mediada pelo santo padroeiro; a fé se mostra mesclada de união, força, solidariedade, confraternização, coragem e autenticidade, que se manifestam nos rituais e caracterizam a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha.

Igualmente às demais cidades sertanejas, os festejos em torno do santo se afirmam como momento de promoção da autoestima do povo do lugar. A capela, o santo, a novena, a procissão, o leilão, os fogos, os grupos de brincantes da cultura popular, carrosséis, jogos de azar, barracas, comidas e bebidas são alguns componentes do cenário festivo. A Festa gera expectativa, tornando-se o centro de convívio social, ocasião da qual, ao seu modo, cada um participa.

### **Uma Festa na Festa!**

A Festa do padroeiro de Barbalha assume uma característica cultural igual a outros festejos de padroeiros no interior nordestino. Contudo, o seu diferencial e especificidade são identificados no ritual de carregamento nos ombros dos devotos do caule de uma das árvores da encosta da chapada, a uma distância de 6 quilômetros da Matriz, onde é erguido, em homenagem ao santo padroeiro. Nesse processo, a árvore ganha um sentido simbólico no imaginário dos devotos, agregando-se à natureza uma manifestação de fé. A árvore ganha outro nome, “Pau da bandeira de Santo Antônio”!

O dia desse ritual abre as festividades do padroeiro da cidade, conhecido como o “dia do pau da bandeira”, aguardado todos os anos com grande expectativa! A força simbólica do ritual reúne manifestação de fé e de festa, que espontaneamente agrega comportamentos sócio-culturais que variam do sagrado ao profano. Sem deixar de ser a religiosidade fator predominante das ações festivas e culturais.

Ao se aproximar o mês de maio, o povo se prepara para a chegada da festa. No contexto dos rituais católicos derivados da devoção a Santo Antônio, o carregamento e hasteamento do “Pau da bandeira” é o ponto de referência da festa, para onde convergem comentários e expectativas. A mistura de fé, cores, alegria, músicas, danças, sons de pífanos, caixas, zabumbas, palmas, vivas, fogos e crenças, se associam ao desafio de se conduzir o mastro do santo sobre os ombros dos devotos até a Igreja Matriz, para hastear a bandeira do santo padroeiro.

O domingo é transformando em um dia mágico, parecendo até que todas as forças celestiais conspiram a favor da alegria dos que participam do festejo. Essa dimensão faz os homens se sentirem irmanados, movidos pela mesma fé no santo protetor e pela mesma tradição, como filhos paridos de uma mesma cultura e propagadores dos seus rituais para as gerações futuras. A rotina da cidade é quebrada na semana que antecede a abertura da festa com os varais de bandeirinhas cruzados sobre as ruas da cidade. A multiplicidade de cores sinaliza que é tempo de festa, chamando o nordeste para se preparar para o domingo que se aproxima, o “dia do pau da bandeira!” Quem passa pelas ruas enfeitadas não consegue mais dissociar a dimensão festiva de suas vidas. Bandeiras, bonecos gigantes, representando brincantes, faixas, sons e movimento quebram o cotidiano dos moradores. O centro histórico da cidade imperial, com seus sobrados e casarões seculares, recepcionam os rituais em homenagem ao santo padroeiro. As ruas enfeitadas parecem o caminho que leva todos à mesma condição: devotos do Santo Antônio. É como se o santo norteara o consenso entre os homens; sem ele não haveria a Festa, a alegria!

Ao chegar o sábado que antecede o dia do pau da bandeira, abrindo os festejos do padroeiro, a cidade já sente a presença de um grande número de pessoas que se deslocam dos mais variados lugares para participar da festa. Alguns que retornam à sua localidade de origem, reintegrando-se às suas famílias e aos amigos, e visitantes, que fortalecem o clima festivo. Ao dia, caracterizado pela feira livre, soma-se uma agitação, marcada por propagandas comerciais, ocasião em que se investe na compra e venda de tudo aquilo que, na concepção dos homens e mulheres, os tornam mais elegantes e

integrados à festa que iniciará no dia seguinte. Os últimos raios solares iluminam os canaviais do Vale do Salamanca e a lateral da matriz! À tarde do sábado vai declinando o sol por trás do azul da Chapada do Araripe! Ele se despede, sinalizando que no outro dia nascerá iluminando a alegria festiva! A chegada da noite acelera os preparativos para a festa do dia seguinte. Na noite que antecede o “dia do Pau da Bandeira”, a cidade sente-se abraçada por todos que já se fazem presentes nas quermesses, carrosséis e shows artístico-culturais.

Não raro, o pároco, durante a missa, aconselha os devotos a evitar exageros durante a condução do mastro de forma a evitar acidentes e na intenção de se prevalecer a dimensão da fé agregada ao ritual. A novena encerra, e a quermesse, ao lado da Igreja, se transforma num local de reencontro de amigos e familiares. Jocosamente, essa noite recebe o nome de “noite das solteironas”, numa alusão ao conceito brasileiro de ser Santo Antônio o “santo casamenteiro”. A fé se mistura com a festa, constituída de comidas típicas, reza, carrossel, procissão, andor, palmas, bebidas, jogos de azar, leilões, danças, cantos, fraternização social, vivas ao santo, banda de música, o pipoco dos fogos etc.

A noite do sábado que antecede o dia do Pau da Bandeira, sobretudo quando se é criança, representa a oportunidade de se descobrir e acompanhar os preparativos da festa que se oficializa no dia seguinte. Entre lembranças do tempo de menino, resalto a curiosidade de se ver o buraco cavado na praça da matriz onde o “pau” seria hasteado no dia seguinte, o chamado “buraco do Pau”. A memória também relembra o odor do sebo de boi no pau, a ser erguido na praça durante a noite, para ser utilizado no dia seguinte como “pau de sebo”. Brincadeira nordestina, conhecida como “pau de sebo”, que consiste num mastro melado de sebo, erguido no lugar dos festejos, com o dinheiro na sua extremidade, que pertence ao primeiro garoto que for capaz de subir e retirá-lo.

As barracas de palhas de coqueiro, recém-construídas, se enfileiravam no entorno da praça exercendo suas atividades comerciais. E os carrosséis? Era uma expectativa total! A sua chegada para as crianças simbolizava a alegria materializada nos “cavalinhos”, “roda gigante”, “polvo” e “montanha russa”. “As “barracas de tiro ao alvo”, os chamados jogos de azar” complementavam o ambiente festivo. Entre os jogos, recordo o boneco pescador, cujo anzol de azogue premiava quem tivesse escolhido a tábua com o número do peixe pescado. Ganhava no jogo das argolas quem laçasse o prêmio. A bola era jogada num tabuleiro rodeado de telas; era premiado quem conseguisse fazê-la parar, sobre o encaixe com uma nota em dinheiro. O som da palheta

das roletas giratórias cercada de jogadores se misturava ao som dos passos da multidão que circulava a praça. As bancas dos caipiras sacudindo os dados nas canecas, rodeados de jogadores em busca da sorte, margeavam a praça. Somava-se a tudo isto o barulho das máquinas de fazer sorvetes com sucos coloridos e sabores diversificados e o som do studio dos parques que animava aos que se divertiam em seus brinquedos.

As barracas vendendo bebidas e tira-gostos animavam seus respectivos ambientes, com músicas de vários tipos que atendiam a todos os gostos. Todo o movimento se fazia em torno do palco em forma de círculo, permanentemente armado no centro da praça, onde os grupos faziam suas evoluções e se apresentavam os artistas, sobretudo, a atração especial por ocasião da abertura da Festa, no dia do Pau da Bandeira. O ambiente festivo convergia e recepcionava a população, incluindo os que para lá se dirigiam após as novenas e procissão do santo até a casa do noitaro, patrono da novena do dia seguinte. Um cenário gratuitamente produzido! Uma festa feita pelo povo para o povo em nome do Santo!

## **Chegou O dia do Pau!**

O dia raiou! Mas esse dia não é igual aos outros. A rotina da cidade é quebrada em tom de festa pelo som dos pífanos e zabumbas, do pipocar dos fogos e dobrados da banda de música. Neste dia, Barbalha veste o seu melhor vestido, estampado de folclore, e sai às ruas, contagiando o povo que com ela culturalmente se identifica, comemorando o seu padroeiro.

É o grande dia! O dia do Pau da bandeira!

Desde cedo, a animação toma conta das ruas contagiando a cidade! Até parece que a noite não mais suporta a descontração dos festejos, remetendo para o dia que nasce todas as expectativas concentradas, em forma de alegria e devoção. Um dia de fé em festa, de se pedir força e proteção para cumprir a tradição do desafio de se transportar sobre os ombros o caule de uma das árvores da floresta subcadocifolia, dos Sítios Flores ou São Joaquim, conforme tenha sido a escolha dos carregadores, até a praça da matriz, onde é hasteada a bandeira do santo em homenagem a Santo Antônio.

Ao amanhecer, o sol de domingo estende seus primeiros raios sobre a cidade. É o parto do dia, que nasce ao som do pipocar dos fogos, dos dobrados das bandas de música e das bandas cabaçais em alvoradas festivas, abrindo a Festa do padroeiro da cidade. Grupos de brincantes da cultura popular se deslocam dos sítios e bairros para

ruas da cidade, propagando pelas ruas o colorido de suas vestes. Fazem de suas evoluções uma fábrica de alegria, introduzindo as cores de suas vestes no cenário urbano da cidade, marcado por sobrados e casarões do século XIX. É o casamento da cultura materializada dos casarões urbanos com a cultura espiritual do povo camponês, que dança, canta e se movimenta, mostrando o sentido das suas existências em sintonia com as gerações passadas. O ritmo do tempo parece ser marcado pelo atrito das espadas dos brincantes dos reisados e pelo deslocamento das restas dos espelhos de suas roupas de cetim. Sons e movimentos energizam a condição de ser sertanejo!

Quebrando a descontração, os penitentes entoam seus cantos associados aos rituais de morte e purificação dos pecados. A fé vinculada à prática do catolicismo penitencial herdado da Idade média, que consiste em purgar as almas, se faz presente no mundo contemporâneo, encontrando espaço, no meio da festa, a reflexão coletiva sobre os pecados do mundo. A dimensão espiritual convoca a todos para a prática da penitência, em denúncia ao mundo marcado pelos valores antagônicos ao cristianismo. Como num paradoxo, em meio à alegria, ouve-se atrito das peças de metal cortante, chamadas de navalhas, utilizadas na prática do autoflagelo, em cruzeiros e cemitérios. Prédios, ruas, gente e som fazem parte de um cenário motivado pela fé, integrada às tradições. Tudo é Fé, tudo é festa! Nesse contexto, a espiritualidade se oficializa através de uma missa campal que se realiza em frente à Igreja do Padroeiro. O momento do ofertório é de grande sentido simbólico, quando são ofertados produtos regionais que marcam a identidade do homem com a região.

O sentido profundo das danças, cantos e rituais de fé, para a vida do homem do campo pode ser contemplado no desfile dos grupos folclóricos da Igreja para a praça. A praça acolhe a manifestação popular, regada de fé e alegria, tornando-se pequena para tanta gente. O povo rodeando o palco, armado no meio da praça, assiste à evolução dos brincantes. O povo se via e se identificava nas manifestações que expressavam suas raízes culturais. Enquanto ocorriam as apresentações, o povo ocupava toda a extensão da praça e suas adjacências, sentado nas barracas, passeando na praça, jogando, praticando tiro ao alvo, rodando nos carrosséis. O clima festivo, em sintonia com a fé no santo padroeiro, preparava e reforçava a expectativa de todos, para, em algumas horas, no período da tarde, ver a chegada do pau da bandeira na cidade. Como num incremento da ansiedade, o próprio locutor intercalava as apresentações fazendo referência sobre o peso e tamanho do mastro a ser deslocado nos ombros dos devotos, da mata até a cidade.

Antes do meio dia, em meio ao ambiente festivo, já se percebia o deslocamento de alguns homens descalços e sem camisas, no meio da praça e pelas ruas da cidade tomando o rumo da vila Santo Antônio em direção à chapada do Araripe. Seus trajes, típicos de carregadores, eram um contraponto aos que estavam “socialmente vestidos”, divertindo-se na praça, na expectativa de aguardar a “chegada do pau”, que por eles deveria chegar à cidade no período da tarde. Nas horas que antecederiam à chegada da tarde, vislumbravam-se expressões de fé e coragem, dos que subiam ao sítio São Joaquim para carregar o pau sobre os ombros. Uns movidos por promessas, outros seguindo a tradição dos seus ancestrais, outros como iniciantes no ritual. Todos os sons e movimentos tinham como expectativa o carregamento do pau da bandeira. A população se dispersa na cidade, presente nos bares, barracas e praças! No dia do Pau, a casa é a rua, repleta de alegria, para onde todos convergem, como uma irmandade unida pela mesma fé e tradição.

### **Dia do Pau da Bandeira: a mata recepciona festa**

Acompanhei pela primeira vez o carregamento do pau da bandeira no início da década de 1980. A sensação é de mata em festa. Não obstante as atrações folclóricas, missa, desfile, barracas e toda animação existente na cidade, a mata é que atrai os devotos carregadores, que desde cedo se deslocam para floresta onde se espalham em grupos, concentrando forças e energias para o momento tão aguardado, o carregamento do Pau da bandeira. Enquanto aguardam o momento do carregamento, bebem, comem carne com farinha, brincam, melam-se de barro e se banham como meninos traquinos; no leito do riacho, ainda escoam as águas do último inverno, que se desloca da encosta da chapada do Araripe em direção aos pés de serra. As horas que antecedem o carregamento geram uma expectativa e criam um cenário festivo, simultaneamente marcado pelas atrações que ficam acontecendo na cidade e pela festa, específica dos carregadores no meio da floresta. Neste dia, as preocupações do cotidiano desaparecem, dando lugar à fraternização, à algazarra, à brincadeira. É como se os homens retrocedessem no tempo e voltassem a serem meninos, encenando brigas, agarrados uns com os outros em meio à poeira ou à lama do chão molhado das poças das águas que ainda restam das chuvas do inverno.

A fé e a festa, desde a mata, abrem espaços para a manifestação do sagrado e do profano, representados respectivamente por rezas, amizades, alegria e simpatias para

acelerar casamentos, relacionadas com o santo e goladas de aguardente. Apesar de a cachaça ser um componente da festa, a embriaguês é voluntária, não faz parte do ritual, sendo o uso da aguardente apenas uma forma de encorajar os devotos, ou seja, de superar o medo, de adaptar mentalmente o condicionamento físico do corpo ao desafio de carregar o peso do pau, de algumas toneladas sobre os ombros, em nome do santo, até o pátio da matriz do padroeiro. Enquanto isso acontece, o pau cortado, há alguns dias, à beira da estrada, parece dormir, como se estivesse esperando ser acordado, em algumas horas, pelo toque das mãos dos carregadores que o conduzirão até a cidade. A expectativa de quem fica na cidade, em relação ao que está acontecendo no sítio, é a mesma de quem está no sítio, em relação à cidade. Os que ficam na cidade esperando a “chegada do pau” imaginam o que está acontecendo no percurso do carregamento. Indagam se o pau já se deslocou e onde está; por outro lado, carregadores imaginam a cidade cheia de gente, aguardando pela chegada do mastro.

### **E o pau vai pra os ombros se despedindo da mata: a sensação dos carregadores**

Num chamado a cumprir a tradição e a vencer os obstáculos, os carregadores vão deixando a mata se concentrando em volta do mastro ainda na “cama”. Nesse momento emerge a consciência de que é preciso unidade entre o espírito e o corpo; um representado pela fé, e o outro, pelo físico dos seus membros, que deslocarão o caule da árvore para a Igreja do padroeiro a fim de hastear a bandeira do Santo. Cada um se posiciona ao longo da extensão do pau da bandeira; curvam seus corpos em direção a ele com reverência e levantam lentamente a madeira sobre os ombros pela primeira vez. É o começo de uma caminhada que dura mais de sete horas. Durante o percurso, dezenas de vezes, esta cena será repetida, cada vez que o caule cair ao chão decorrente do peso sobre os ombros. Pegar o pau na cama é motivo de orgulho dos carregadores!

Os primeiros passos transparecem que o mastro não pesa tanto. No entanto, à proporção que o pau da bandeira vai se deslocando, o semblante dos carregadores ganha uma expressão de cansaço, em meio a uma mistura de suor, sangue da pele ferida e poeira, que cobre a estrada e esconde os passos dos carregadores. A coragem dos carregadores desafia o peso do mastro, quando um deles se senta na parte da frente do caule, chamada de “cabeça do pau”, e juntamente com ele é levantado e carregado sobre os ombros, numa demonstração de fé em Santo Antônio e confiança em seus

companheiros que não o deixará cair. Vi muitas vezes, carregadores como Rege, Nel, Pipica e Zé Veloso fazerem isso. O carregador, ao se envolver e se concentrar com o carregamento, desde a cama do pau, perde a noção do tempo e do que está acontecendo em sua volta. Na hora de colocar o pau no ombro, os corpos curvos dos carregadores concentrados em volta do pau são surpreendidos com o toque das mãos de alguns deles sobre suas costas, num sinal de alerta e despertar do cansaço. Os corpos concentrados e curvos, em direção ao pau, entoam gritos coletivos ritmados, como de sinal de preparação para o movimento do corpo no ato de se colocar o pau no ombro. “Hêêê Hôôô!!

A sensação é de que a temperatura do corpo e o suor anestesia dores e cansaço, e de que a poeira no corpo naturaliza o ritual, fazendo os homens irmanados com o objetivo de se vencer os desafios. O pipocar dos fogos, os vivas a Santo Antônio, cantos rimados e as brincadeiras dissimulam o cansaço. Em meio à euforia, as mesmas bocas que gritam vivas ao santo são as que dão goladas na aguardente armazenada, geralmente de tabocas, para não perderem o ritmo do carregamento. Tabocas é o nome popular que se atribui aos bambus, onde, entre seus entroncamentos, se coloca a cachaça a ser transportada no carregamento. No entanto, a oficialização da aguardente na festa se faz a partir de uma pipa conduzida sobre uma carroça enfeitada de adereços, conhecida como cachaça do Sr. Vigário, posicionada à frente do cortejo, quando já se aproxima da cidade e que abastece a quem procura.

O relevo ondulado, próximo às áreas de encosta, é um dos obstáculos ao carregamento, sendo superado pela técnica adotada pelos carregadores, que consiste na pressão contrária às descidas e subidas, que caracterizam as ladeiras do percurso, para se evitar a aceleração da velocidade da condução do mastro e consequentes acidentes. Por falar em acidentes, apesar dos cuidados, nem sempre se evita, sobretudo no tempo em que os carregadores participavam do carregamento descalços e consumiam muita aguardente. Lembro-me de alguns deles, que, no ato de soltar o pau no chão, faziam emergir gritos de dor em segundos, seguidos da agonia dos demais carregadores para livrarem rapidamente o membro do companheiro que ficou preso entre o pau e o solo.

Mesmo raro, os acidentados, com o tempo, desfalcaram o grupo dos carregadores. Historicamente, muitos deles tornavam-se graves com amputação de dedos e pés, fazendo convergir esforços por parte dos organizadores, para um melhor ordenamento e precauções de acidentes durante o carregamento, tais como redução da aguardente e orientação para não participar do carregamento descalço.

Na mata se ouve o pipocar dos fogos e o barulho dos gritos eufóricos decorrentes da reação dos carregadores aos desafios do carregamento. Cada vez que ouve o pipocar dos fogos e o barulho no meio da mata têm-se a sensação da proximidade do local de onde o pau vem sendo conduzido, ficando cada vez mais distante da mata em que foi cortado. Quando ainda na zona rural, não existe outro atrativo no percurso; nele, só se avista céu, nuvens, sol, corpos, chão, poeira e mata que se associa ao barulho dos fogos e dos carregadores. O grupo dos carregadores mais veteranos assume o comando da condução do mastro, geralmente segurando a parte da frente, chamada de “cabeça do pau”. Lembro-me de Pedro Edilson, Domingos, Geraldo, Pipica, Nel, Dodó, Tadeu Custódio, George, Lucélio, Márcio e outros, sob o comando do capitão do pau que revezam o cargo no decorrer dos anos, onde historicamente ao longo da tradição destacamos os mais antigos, tais como Melquíades Velozo, Vicente de Moça, Potiê. Ainda como hoje, à proporção em que o pau vai se deslocando em direção à cidade, grupos de homens sobem em direção à chapada para ajudar no carregamento, revezando entre eles os lugares.

Porém, em meio a isto, ocorre o mais interessante, a sensação de irmandade, de união de força, fé e alegria em nome da mesma causa. Quando comecei a acompanhar o carregamento, os carregadores ainda carregavam o pau da bandeira descalços, mais expostos à mutilação de seus corpos, seja pela derrubada do pau, seja por tropeço no chão pedregoso e cortante. Contudo, ninguém temia dor ou perigo, até o acidente acontecer. É como se a causa se sobrepusesse ao medo. Agora compreendo o porquê, quando eu era menino, ouvi o Padre, na missa, alertando para o controle e cuidados dos carregadores por ocasião do carregamento. Não raro, deslocava-se de Rural, indo ao encontro do carregamento para presenciar o ritual.

Até a segunda metade dos anos de 1980, não havia um deslocamento intensivo da população da cidade para a mata, para acompanhar o carregamento, como ocorre hoje. A manifestação era restrita aos carregadores, quase inexistindo máquinas fotográficas e filmadoras para registrar as cenas no deslocamento ainda no meio rural. Nestas circunstâncias, levava comigo uma máquina de fotografar, ensaiando meus primeiros registros sobre a festa. Achava interessante registrar o fato cultural, desde o seu início, sabendo que o assédio jornalístico sobre o pau da bandeira era mais presente quando na sua entrada na cidade, passando a ser disputado pelas objetivas. Foi nesse tempo que conheci o cineasta Rosembeg Kariri, que dotado do seu equipamento

cinematográfico de película, investia, pela primeira vez, no conteúdo cultural da festa em forma documental.

## **E o pau vai chegando à cidade!**

Ao se aproximar da cidade, a multidão é sentida pelos carregadores, nem tanto pelo visual, mas, pela dificuldade de locomoção do mastro. Nesse momento alguns se posicionam na frente do carregamento, dando às mãos uns aos outros, formando o chamado “cordão”, abrindo espaços para que o cortejo possa avançar em direção à Matriz. O barulho das palmas é a recompensa e o reconhecimento do povo à coragem dos carregadores. Demorar com o pau suspenso por alguns segundos acima das suas cabeças consiste numa prova de coragem e força demonstrada pelos carregadores para quem assiste à chegada do pau à cidade. Eles sabem que isto lhes rende aplausos e emocionam a si e a multidão.

Quando param, é providenciada água para matarem a sede, oportunidade em que sentados sobre o pau da bandeira descansam um pouco para continuar a caminhada. O pipocar dos fogos indica o lugar do percurso onde o pau está passando, no meio rural ou já nas ruas da cidade. A banda cabaçal com o som dos pífanos e batidas do couro das caixas e zabumba torna-se naturalmente um elemento que dá vida à coreografia espontânea do ritual, parecendo que seus ritmos coordenam os movimentos das pernas e dos corpos que fazem o deslocamento do mastro.

A bandeira com a imagem de Santo Antônio se agrega ao cortejo do pau da bandeira desde o sítio, sendo conduzida em um carro, sinalizando que o sentido profundo do carregamento é a fé no padroeiro. A agitação de milhares em torno do carregamento e hasteamento tem como pano de fundo musical maxixes e dobrados das filarmônicas, que animam o povo que aguarda o pau da bandeira. A chegada de homens melados de barros, que se antecipam à chegada do mastro na cidade, é observada pelo povo, como um indicativo de que o pau já vem perto. A igreja do Rosário e praças que ficam em suas adjacências são locais tradicionais de concentração do povo que recebe a chegada do pau da bandeira. Todos se posicionam, escolhendo o melhor ângulo de posicionamento para melhor visualizar o cortejo. A cada fogo, uma certeza de que o pau já vem próximo. Os populares logo identificam e apontam aqueles carregadores que conhecem: um tio, um irmão, um pai, um namorado etc.

O desconhecimento das condições da distancia do percurso do carregamento faz a maioria do povo, que aguarda o pau, não ter noção do tempo da sua chegada na cidade. Isso gera entre eles uma expectativa sobre onde o pau da bandeira se encontrava no seu percurso, em direção à cidade. Sobretudo no tempo em que não se dispunha de telefonia móvel e outros meios de informação que permitissem a comunicação entre quem vinha acompanhando o cortejo e os que aguardavam. A população na Igreja do Rosário que aguardava a chegada do mastro fica especulando os possíveis locais onde o pau já se encontrava. Do tipo “diz que Pau já vem lá no começo da vila”.

### **E o pau vai tomando o rumo da matriz!**

Enfim, avista-se o pau dobrando a avenida Paulo Maurício, subindo a Rua Major Sampaio, em direção à Igreja do Rosário, onde a multidão, nas suas adjacências o aguarda, parecendo que ele é carregado por todos. Cada vez mais se torna necessário uma melhor coordenação dos movimentos e de comunicação do Carro de Som que orienta o povo e os carregadores na condução do mastro. As ruas do centro da cidade parecem se tornar cada vez mais estreitas à proporção que o povo se concentra em torno do carregamento.

O barulho, a euforia e a emoção se misturam ao badalar do sino da Igreja do Rosário, que anuncia a chegada do pau à cidade e que a tradição está sendo cumprida. Agora, mais alguns passos, o pau está em frente à casa da família do Dr. João Filgueira Teles, a quem pertencia o Sítio, que a partir de 1928, a pedido do Pároco José Correia, passou a subsidiar com as suas árvores a tradição. Com o pau no chão, é um momento de descanso e agradecimento, sendo, em seguida, novamente colocado nos ombros e seguindo pela Rua do Vídeo com destino à Matriz. Nas sacadas dos sobrados e casarões, as pessoas disputam lugares para melhor visualizar o carregamento, sobretudo, jornalistas, fotógrafos e cineastas que cobrem a festa do padroeiro da cidade.

### **Enfim, a Rua da Matriz! Última via do percurso.**

A multidão já se concentra no patamar e na Igreja da Matriz esperando a chegada do Pau da bandeira. Ao passar na rua lateral da Igreja, novamente o santo e os carregadores são saudados com o toque do sino da Matriz. São os últimos passos que separa o pau da bandeira do local do hasteamento. Enfim! O pau chega ao seu destino

final, sendo colocado ao chão, num momento em que os carregadores e o povo exaltam a sua alegria pelo êxito da condução do mastro de aproximadamente três mil quilos a uma distância de seis quilômetros. Rezam e agradecem a Deus, manifestando com vivas e palmas a fé em Santo Antônio. Uma pausa para descanso, enquanto se amarra a bandeira do Santo na extremidade do mastro. No seu meio se cravam dois ferros, no lugar em que, com parafusos, se amarra um cabo de aço, a ser puxado pelos carregadores através de uma catraca, que corresponde a um carretel de ferro, idealizado pelo saudoso devoto, Mestre Pedro Batista. Neste momento, reverenciam-se outros ícones da tradição que em suas vidas contribuíram com o hasteamento, tais como o Mestre Antônio Custódio e outros, que são seguidos pelos seus descendentes e colegas de profissão.

É chegada a hora de levantar o pau da bandeira! É como se todo sacrifício, brincadeiras, alegria, do carregamento, tivesse como foco esse momento. O locutor alerta a multidão para se evitar acidente. O cabo de aço vai sendo puxado, e as chamadas “tesouras”, dois paus cruzados nas extremidades, amarrados por cordas, começam a surgir apoiando o mastro no seu levantamento. Aos poucos o mastro começa a se deslocar do chão, e, em pouco tempo, todos já podem ver a bandeira com a imagem de Santo Antônio tremulando acima das cabeças. Os olhares convergem para a imagem do santo à proporção que ela vai sendo hasteada. Como uma prece a Deus, o olhar coletivo dos devotos se direciona para o alto, seguindo a bandeira, à procura dos Céus, tendo Santo Antônio como mediador das aspirações junto a Deus.

O caule que tombou na mata há alguns dias volta, agora, a ser erguido na cidade, como numa metamorfose da natureza que passa a expressar o simbolismo da fé. Ao ser hasteado, o céu escuro é iluminado pelos raios dos fogos de artifícios e palmas como parte integrante da alegria. A brisa do Vale do Salamanca começa a soprar, fazendo novamente a bandeira tremular, acima das casas dos paroquianos, como sinal de festejos do santo padroeiro, como pedia o padre Ibiapina em sua passagem pelas comunidades do Sertão. Agora todos voltam para suas casas, na certeza de que em mais um ano se cumpriu a tradição, na esperança de que, no próximo ano, tudo se repetirá em um novo dia do pau da bandeira.

1 Relato da experiência do autor na condição de participante da Festa do Pau da Bandeira.